

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
5 DE SETEMBRO
ANNO I. N. 3

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 225000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

VARIEDADE

SEM TITULO

Eram onze horas pouco mais ou menos, e havia já uma hora que estava um moço a passear á direita e á esquerda, para cima e para baixo, pelas calçadas da rua do Mail.

Ao chegar em meio da rua, estava sempre em frente a uma grande loja, que alli havia.

Por dez vezes havia tentado entrar, mas outras tantas tinha recuado, até que finalmente armando-se de coragem, atravessou o limiar.

— Ah! sois vós, Sr. Luciano Delaunay? disse-lhe o dono da casa, homem dos seus cincoenta annos e de phisionomia agradável e cheia de benevolencia.

— Sr. Dermont, respondeu o moço, eu desejava fallar-vos confidencialmente.

— Ah! ah! então é cousa séria.... pois venha, venha.

— Venho fallar-vos de cousa muito séria e da qual depende a minha felicidade, Sr. Dermont. Ha seis mezes que deixei a companhia de meu pae para vir morar em Paris. De então para cá tenho tido a felicidade de ver muitas vezes vossa filha... Amio-a sinceramente e venho pedir-vol-a em casamento.

— Realmente, mancebo, a cousa é grave; entretanto isto não quer dizer que eu recuse peremptoriamente.

Amas então minha filha... mas qual dellas? Tenho duas, e mais moça e é sem duvida a ella que honraes com a vossa escolha.

Luciano fez signal de assentimento.

— Sim, é ella, continuou o Sr. Dermont. Devo, porém, lembrar-vos a historia do patriarca Jacob. Não nos achamos mais nesses tempos, que longe já vão, mas tambem ainda hoje nito é costume casar a filha mais moça antes da mais velha. Não foi isto mesmo que a Jacob, respondeu Laban?

— Fallemos seriamente, Sr. Dermont.

— E' muito serio o que estou dizendo. Jacob foi enganado e desposou a mais velha. E se o mesma vos acontecesse?

— Eu não creio que...

— Sim, sim, eu creio que não conheceis Luiza, minha filha mais velha. E' a nossa dona da casa, mancebo; é á sabedoria da familia. Enfin, quereis ser meu genro; accetto... mas com uma condição. Sois ainda moço, Luciano, e minha filha é quasi uma criança. Pois bem, ficae dous annos em minha casa, industriando-vos em meus negocios, e passado este tempo, se insistirdes ainda, Henriqueta será vossa.

E Luciano entrou para a casa do Sr. Dermont; começou a trabalhar e teve a felicidade de contemplar á mesa da familia o idolo de seu coração. Pedira ao Sr. Dermont que nem uma palavra dissesse a Henriqueta do seu projecto, afim de que não se sentisse ella aca-nhada com a sua presença.

A Luiza foi tambem apresentado Luciano. Que differença entre as duas irmãs! Henriqueta linda, loura e jovial; Luiza trigueira, triste e pensativa. Para aquella, os bailes, as festas, os ricos enfeites do toucador; para esta os cuidados da casa, o trabalho e o simples vestido de alpaca preta.

Não se acredite que o Sr. Dermont dava em seu coração preferencia á esta ou áquella filha. De modo nenhum; mas desde o dia em que perdera a mãe, tinha ido tomar de per si mesma a co-rajosa moça o lugar de dona de casa.

Levantando-se primeiro que todos, occupava-se tambem dos negocios da loja, e muitas vezes tinha Luciano occasião de ir ter com ella para informar-se de erros de contas ou das numeraciones das mercadorias.

E desta maneira constantes relações se foram estabelecendo entre ambos. Quantas noites passaram juntos, ab-sorvidos em algum trabalho urgente, ao passo que lá ia Henriqueta ostentar nos bailes sua belleza e a riqueza de seus enfeites!

E Luciano soffria cruelmente com a

leviandade de caracter da sua desposada. Muitas vezes queixara-se a Luiza, e aquella boa alma consolava-o sorrindo e fazendo-lhe entrever a mudança que um marido serio poderia conseguir áquella cabeça louca.

Não o acreditava, porém, o moço; mas pouco a pouco cada vez mais raras se lhe foram tornando as queixas e quando se achava com Luiza nem mais lhe fallava da irmã. Um dia chegou até a recusar acompanhar a noiva a um concerto, sob pretexto de negocios muito urgentes; mas o que é certo é que passou a noute a reflectir e conheceu com grande admiração sua, que amava a Luiza.

Bonita não era ella; mas era tão boa, tão dedicada; havia tanta franqueza no seu olhar doce e leal! E pois, resolveu expôr tudo ao Sr. Dermont. De facto no dia seguinte dirigiu-se ao gabinete do negociante e pediu-lhe um momento de conversação particular.

— Ah! ah! Luciano, disse-lhe o Sr. Dermont, não careceis explicar-vos, meu amigo; pois que já sei o que me quereis dizer... Parece-vos muito longo o praso que vos merquei, não é?... Pois bem, sede feliz; já previni a vossa noiva, tambem ella confessou-me que vos amava, porém que não ousava dizer-m'o. Disse-lhe que fosse tomar o chapéo, para eu ir apresentar-vos aos nossos parentes e amigos como futuros esposos.

Duciano não sabia o que dissesse. Nesse momento soaram passos ligeiros e a porta abriu-se.

— Ah! está a vossa noiva, mancebo; vamos lá, permitto que a abraçeis.

E o pobre Luciano foi-se arrastando quasi. A moça estava coberta com um véo. Ergueu-o elle com mão tremula e olhou.

Era Luiza.

Deu um grito de alegria e atirou-se aos pés da moça, bella então com a triplice belleza que dão o amor, a felicidade e a virtude.

— E então! disse o Sr. Dermont, não vol-o tinha eu predicto?

MEMORIAL

CONCERTO. — Ante-hontem á noite teve lugar nos vastos salões da camara municipal, o concerto vocal e instrumental, iniciado por alguns distinctos cavalheiros de nossa sociedade, e em beneficio da creação de um templo para a Senhora da Conceição.

De parte a idéa magnifica e longavel que acaba de ser realisada, pois que ella nos merece, com mais vagar um escripto especial; neste momento apenas, trataremos do desenlace do concerto, pois que, foi uma das primeiras festas nesta cidade onde a musica e o canto apresentaram-se revestidos de primasia fulgurante, desafiando as fibras do coração humano no profundo deleito de seu pensamento.

Eram 10 horas: da noite, e perto de 400 pessoas se encontravam reunidas, todas ansiosas por conhecer o resultado do concerto, posto que as pessoas que delle se encarregavam, fossem por mais de uma vez ouvidas e por mais de uma vez o apreciador concededor e imparcial lhes tivesse dedicado sua approvação e admiração.

Deo principio, ao desempenho dessa festa á Exma. Sra. D. Rita Soares e os Srs. Joaquim Moreira, Adolpho de Freitas, Miguel Moreira de Barros e Santos Paiva, — no quarteto da *Norma* do Waser, que foi executado no piano com admiravel maestria e brilhantismo.

Seguiu-se a *Cavatina* de Atila, que foi pela Exma. Sra. D. Joaquina Aldina, perfeitamente desempenhada, recebendo por isso applausos geraes.

O joven Tito Ribeiro, na *Fantasia do Belisario* de Ascher, esteve sublime e demonstrou muita habilidade e estudo.

A *Cavatina* de *Lucrecia Borgia* cantada pela interessante joven Cecilia Filippine e acompanhado pelo habil professor Sr. Schutel, esteve magnifica: e a mais de uma pessoa ouvimos palavras de admiração relativamente aos encarregados dessa parte. Não foi, porém, para nós isso estranho, porque o cavalheiro Schutel é demasiadamente conhecido nesta cidade e todavia uma, lhe reconhecem elevado talento artistico.

A primeira parte do concerto terminou pelas variações de flauta sobre a oração de Moysé, executadas pelo talentoso Sr. Joaquim Moreira e dignamente acompanhadas pelo Sr. Miguel Araújo.

Na segunda parte, porém a admira-

ção dos assistentes cresceu por grãos.

Deu principio a ella o grande quarteto *Elisir de Amor* pelos mesmos cavalheiros que desempenharam o primeiro da *Norma*, e neste como naquelle nada deixaram á desejar, pois o talento artistico que possuem tem sido muitas vezes admirado, e seria inutil qualquer elogio a este momento. Elle está no conceito publico que faz-lhes a devida justiça.

Em seguida, a graciosa Polacca da opera *Guarany* cantada pela Exma. joven Cecilia Filippini, arrebatou geralmente.

E' esta uma composição magnifica do distincto maestro brasileiro Sr. Antonio Carlos Gomes, que festejada no estrangeiro, pelo seu grande e real merito, não podia deixar de causar admiração em nosso intelligente publico.

Quantas sensações magnificas ella não contém! como se poderão traduzir aquellas vozes que nos tocou n'alma e deixou-nos perplexos.

O' *Guarany*, como és sublime!

Meditada sem duvida, nos desertos de nossas virgens florestas e nascida de uma imaginação fecunda e escandesciente como a do poeta: — oh *Guarany*! como são harmoniosos os teus sons; e como é triste ás vezes, o teu cantar agreste!?

Eis o que não comprehendemos. São talvez as maravilhas da natureza que ella reunio em seu seio de ouro para espargil-as em torrentes de harmonia.

Quem será que dedicando-se á musica, não prestará attenção a uma das primeiras composições, onde sobressahe radiante de gloria o génio americano?

Se Antonio Carlos Gomes, não fosse um artista, á que o merito lhe sorri diariamente, bastaria o *Guarany* para immortalisal-o.

Terminado que foi o desempenho da polacca desta opera, innumerables bravos, e prolongados signaes de approvação fizeram-se ouvir estrepitosamente.

A Exma. Sra. Rita Soares, executou em seguida grandes variações de Thalberg sobre o *Elisir*.

O desempenho desta execução foi brilhante, comprovando mais uma vez essa senhora, sua grande habilidade e talento.

A brilhante fantasia *Souvenir du theatre Italien* por Gloria, foi primorosamente executada pela joven Elvira Paiva.

Terminou o concerto com a lindissima fantasia *Souvenir de Belline* pelo eximio vicioso Sr. Santos Paiva e

acompanhado com bravura por sua Exma. filha Elvira Paiva.

A musica do 6º batalhão tocou no intervalo da 1ª á 2ª parte do concerto duas bellissimas peças de musica.

— Em consequencia da vinda, inesperadamente de Pelotas, do Sr. Reis só por attender á grandessa da idéa que dava origem a este concerto, o mesmo foi alterado com uma fantasia, na qual esse cavalheiro tomou parte.

SAPATOS VIAJANTES! — O Sr. M. Martins, pede-nos a publicação do seguinte, que julgamos conveniente dar-lhe o titulo que corôa esta noticia:

« Não me causou admiração a descripção que li em um jornal estrangeiro, que trata de uma *bottas d' vapor* invenção de um sapateiro. *Bottas* que fôrão ardar a pessoa que as usz com uma velocidade extraordinaria, tendo porém a facilidade de pararem instantaneamente.

Disse que não me causou admiração essa invenção, e devo explicar-me:

« E' por demais sabido, que nesta cidade, vive esquecido um professor e que só é lembrado quando em suas pomposas publicações annuncia as maravilhas de sua sciencia.

« Pois bem, esse homem, que se fosse no estrangeiro outros diriam um sabio: segundo de uma de suas recentes publicações acaba de annunciar o descobrimento dos *sapatos viajantes*!

E estes maravilhosos sapatos (segundo deprehende-se do mesmo annuncio) fazem seus passeios ás altas regiões e ali presenciam a arte caminhando com o progresso.

Magnifica deve ser a descripção que os *sapatos viajantes* farão, relativamente ás conversas da arte com o progresso nas altas regiões.

Já veem pois, os leitores da *America* que subjeita razão tenho, para não admirar-me da nova invenção de *bottas d' vapor*, visto que os *sapatos viajantes* do nosso professor, merecem maior admiração, comprehendendo-se que estes são innegavelmente de um merito scientifico, ao passo que aquellas são apenas um melhoramento material.

Na supposição de que continue o aperfeiçoamento dos *sapatos viajantes*, faremos muito breve o prazer de ver algumas *novellas* por elles descriptas, á imitação d'aquelle celebre *Piolho viajante* que forneceu tão vasta materia com suas proezas, ao ponto de um habil escriptor descrever-lhe todas as aventuras, em um livrinho que por ali ainda corre impresso sob o titulo de *Piolho viajante*.

Sendo em um pouco dedicado á litteratura, lembrei-me de annuar com estas poucas linhas aos *sapatos viajantes*, pois pôde que no futuro, me forneçam dados importantes para que eu escreva um pequeno romance.

Se meus desejos só realizarem, eu prometto dedicar esse *romance* aos leitores da *America*.

« Sou de V. S. etc. »

LEILÃO. — O Sr. Antonio Pereira Bastos faz amanhã ás 11 horas do dia em seu armazém á rua 16 do Julho n. 10, uma importante leilão de molhados.

DE JAGUARÃO. — Chegou hontem o vapor *Guarany* com datns até 1 do corrente.

Da de novo nos transmittem

— Ah ! meu pai está decidido a defender nosso paiz. E como os momentos são tão urgentes, faz-se mais necessario á todo o instante a chegada de D. Carlos e seu filho.

Estas palavras, que revelavam a triste situação em que se encontrava a familia do barão de S. Yuste, fizeram tremer as duas jovens e lembrarem-se dos que esperavam.

— Quanto tardam ! O sol já desapareceu em seu occaso, e o céu está tão escuro !...

Gabriela recorreu ao horizonte com um tímido olhar, e respondeu :

— É verdade, prepara-se uma grande tormenta. Apenas descebre-se desde aqui a torre gothica de S. Aciscio de Pendueles, e o mar está negro e alvorotado.

Como se estas palavras, houveram sido precursoras de uma calamidade, brilhou subitamente no fundo do céu um cardeno relampago, serpenteando sobre as empinadas alturas de Cavadonga.

As duas jovens lançaram um apagado grito, enquanto surdamente retumbava um longuico trovão.

— Ah ! meu Deos ! exclamou Tula.

— Que será d'elles ? repetiu Gabriella, retirando-se da janella e deixando-se cair sobre um assento que estava visinho a uma meza.

Cortado o dialogo pelo rumor da tempestade, nem uma nem outra joven tiveram lugar para mover-se do sitio que occupavam.

A tristeza de suas reflexões unia-se a escuridão que reinava no salão.

Era este grande e espaçoso como todas as mansões feudais : as paredes de pedras elevavam-se despidas de todo adorno, a excepção de alguns retratos que representavam personagens da familia ; os quaes á incerta claridade d'aquelle crepusculo sombrio pareciam olhar com compaixão á ultima herdeira de sua casa. Uma cenefa dourada e que rodeava o salão por mais abaixo dos estribos que sustentavam os arruques da abobada, tinha uma larga inscripção latina, em letra allemã ; enquanto que á abobada perdia-se em uma duvidosa escuridão, como os pensamentos d'aquelle coração tão joven que latia em seu recinto.

Ha momentos em que é difficil pensar, ou mais propriamente dito, em que a alma lança-se á buscar em outra esphera, que não seja a do fragil carcere que a oprime, um calmaria ás attribuições que a atormentam.

Gabriela permaneceu assim perto de uma hora, quasi sem sentir o passo da escuridão nocturna e o pallido resplandor dos relampagos, que de tempo em tempo enluciam o salão.

N'aquella calma desesperada só esperava ouvir o escarceo de um cavallo, porém este desejado ruido não chegava jámais.

Gabriella amava. Amava com toda a vehemencia de seu coração, como succede sempre ao primeiro alvor da existencia. Sabia que sua mãe estava offerecida ao filho do Sr. de Montalban e que este pacto de familia, era tambem um pacto de amor entre os futuros esposos.

Por isso que, ao ver quasi destruidas suas esperanças com a repentina appareição das tropas francezas, uma tristesa mortal havia invadido seu coração. Aquelle porvir, tão ri-

sonho dias antes, foi para ella um porvir de luto e angustias.

Gabriella tinha fô em seu amante, como pôde tel-a um espirito puro na luz do dia : porém a tormenta politica que bramava a fazia tremer e temer. D'aqui é, que ansiosa e cheia de inquietação estivera esperando a chegada do cavalleiro.

Que havia succedido, posto que este, tão fiel e tão exacto sempre, não havia acudido ao chamado do barão ?

Esta pergunta era um tormento para Gabriela ; e como não havia outro remedio se não soffrer silenciosamente e esperar, esperou ainda meia hora com mortal angustia.

Entretanto o barão de S. Yuste, soffria tanto como sua filha.

A repentina e inesperada appareição dos francezes, lhe fizera comprehender que a condessa de Segalvo, ou havia estado mal informada por seus espiões, ou havia commettido uma traição, tanto mais perida, quanto que entregava uma provincia ao poder dos inimigos.

O revellino de idéas que com estes temores invadiam sua imaginação, o atormentavam angustiosamente.

Tres dias consecutivos, estivera rogando á condessa, para que lhe desse as ordens necessarias afim de que tudo estivesse em movimento ; porém ella havia sabido desterrar os temores do barão, até o momento em que se annunciou a aproximação dos francezes.

A esta noticia o barão montou a cavallo e correu á *Atalaya maldita* ; porém a condessa havia desaparecido.

Então comprehendeu que havia sido victima de um laço ainda que não se atreveu á julgar-o.

A condessa conseguira seu objecto, pois o capitão Laforest, cumpria religiosamente o pacto celebrado ha tres montes.

Isolado o barão em meio dos rapidos e inesperados contratempos que entregavam ás Asturias ao poder de um conquistador implacavel, quiz recorrer á sua extraordinaria energia e sereno valor. Enviou mensageiros á todas partes ; em todas as povoações ouvia-se o toque dos campanarios das parochias para congregar seus habitantes e oppol-os como um dique á torrente que se desbordava ; mandou Anselmo á Rivadesella para que visse a D. Carlos de Montalban, e pessoas de confiança para que procurassem e seguissem a condessa de Segalvo, cuja conducta era cada vez mais obscura e suspecta.

Os francezes avançavam sempre, fraccionados em pequenas columnas para dominar o paiz.

Assim é, que naquella lugubre tarde, logo que soube que uma partida de inimigos se dirigia ao valle de Pendueles, e vendo a demora do Sr. de Montalban, sua impaciencia não teve limites : chamou á sua esposa e á sua filha, que, como sabem nossos leitores se encontravam no salão do castello, e lhes dice que partia n'aquelle momento para Rivadesella.

Esta determinação augmentou a inquietação da familia ; porém não havia tempo á perder, nem palavras á dizer, o barão montou a cavallo e partiu á escape pelas escarpadas sendas da costa.

Era noite, e só o resplandor dos relampa-

gros lhe mostrava o caminho por entre bre-
nhas e os abedules mecidos pelo vento. Mas o
barão conhecia perfeitamente o terreno e
marchava com quanta rapidez lhe permitia
a tempestade que bramava sobre sua cabeça.
Sua alma, cheia de sombras idéas, como o
céu estava cuberto de negros vapores, en-
contrava-se dominada pelos acontecimentos
que haviam sobrevido; e ao par que anhe-
lava defender seu paiz, comprehendia os obs-
taculos que acabavam de oppor-se para con-
seguir esse desejo.

Com tudo, sua impaciencia era cada vez
mais augustosa. Esporeava, por tanto, o ca-
vallo, o qual redobrava sua carreira ainda
que offuscado pelo brilho dos relampagos.

Assim andou a metade do caminho. A es-
curidão era cada vez mais profunda e a noite
mais horrosa.

O mar rompia-se surdamente nos desertos
da praia.

Sobre uma pequena eminencia existia uma
cabana de pescadores, a qual servia de ven-
da aos escassos traseuntes q' seguiam aquel-
le caminho: porém que podia ser de muita
utilidade aos passageiros, em noites como a
presente.

Mas o barão, longe de pensar deter-se sob
aquelle pobre tecto hospitaleiro, ia passar
adiante, quando um pescador que estava na
porta sahia ao seu encontro, julgando que
procuraria pousada em sua casa.

— Podeis passar adiante, Sr. cavalheiro,
lhe dice.

— Não posso deter-me, respondeu o barão
com a voz fatigada.

— Como! em noite tão horivel, pensaes
seguir vossa viagem!

— Vou a Rivasdella.

O barão dispunha-se á empreheer sua
interrompida carreira, quando o pescador q'
por um momento o havia detido, responde:

— A' Rivasdella!... Oh! não ficas tal
couso, se amaes vossa vida.

O barão deteve-se.

— Por que? perguntou com mortal inquie-
tação.

— Porque faz algumas horas que está oc-
cupada pelos francezes.

Esta noticia gelou-lhe o sangue do cora-
ção. Ella lhe explicava tudo.

Depois de um instante de reflexão, em que
seu corpo estremeceu-se de coragem e impa-
ciencia, o interrogou de novo.

— E' certo o que dizes?

— Como vós sois o barão de S. Yuste.

— Me conheceis?

— Acabo de conhecer-vos.

Bem, disse o cavalheiro, estejam ou
não os francezes em Rivasdella, tenho pre-
cisão de ir lá. Adeos, bom amigo, e recebei
esta ligeira offerenda pela noticia que me
haveis dado.

Tirou uma moeda de prata que deo ao pes-
cador; porém naquelle momento sentio a car-
reira de alguns cavallos que avançavam pa-
ra a cabana.

Este novo incidente fez deter ao barão.

Naquelle momento um immenso relampa-
go illuminou o caminho, e ponde facilmente
descobriu uma pequena carvalgata que esta-
va á uns cincoenta passos de distancia.

— Julgo que conheci á Anselmo, exclamou
o barão: esperemos.

Seu coração latia com extraordiaria vio-
lencia, enquanto se avisinhavam os passa-
geiros.

Prompto desvaneceram-se suas duvidas.

Um joven e elegante cavalheiro, pallido e
commovido, acompanhado de Anselmo, apre-
sentou-se á porta da cabana.

O barão arrojou-se para elle, confundindo-
se em uma exclamação de mutua sorpresa de
todos, ao encontrarem-se naquelle sitio.

— O barão! exclamou o cavalheiro e An-
selmo.

— D. Carlos! repetio o barão, arrojando-se
ao chão.

O joven, apressou-se á imital-o, e abraça-
dos entraram na cabana, seguidos de Ansel-
mo.

Este estava affectado.

— Oh! e vosso pai? perguntou por ulti-
mo o barão.

— Meu pai.... já não existe, repetio o ga-
lhardo joven, vivamente commovido.

— Morto! exclamou o barão, como se um
raio lhe houvesse cahido aos pés.

— O mataram os francezes,

— Oh! meu Deos! como é horivel o que
me dizes!

— E é verdade, respondeu o joven com a
voz recontrada pela raiva e pela dôr. Mor-
ren defendendo sua casa até o ultimo mo-
mento; porém a espada de um capitão de
dragões lhe tirou a existencia.

O joven deixou-se cahir em uma cadeira,
desprumado pelo sentimento.

— Logo é certo que os francezes entraram
em Rivasdella?

— Sim.

Oh, maldição! E nossa vingança?

— Não nos fica nenhuma.

— Que dizes?

A condessa de Selgalvo vendeo-nos.

Oh! uma tração!

— Horivel. Os francezes sabem que meu
pai trabalhava em favor da independencia do
paiz; sabem que tambem vós...

— Logo tudo é fructo da perdidã da con-
dessa? perguntou o barão.

— Tudo.

— Enossos montanhizes?

— Dispersaram-se tão logo, como souberam
que Oviedo havia sido torriado e saqueado.

Um grito de terror escapou-se do desg-
rado peito do barão.

Então estamos perdidos?

— Sim.

Cavalheiro, não devemos deixar nos
abater por tantos contra-tempos.

Apellemos ao ultimo esforço.

— Não nos fica nenhuma.

— Porque?

— Porque não ha tempo.

— Accaso esta noite....

— Esta noite, os francezes devem estar em
vosso castello.

O barão pôz-se horivelmente pallido.

— Ah! o que dizeis?

— Logo que meu pai deixou de existir,
continhou o joven descendente do Sr. de
Montalban; logo que minha casa foi reduzi-
da á cinzas; logo que perdi tudo quanto me
unia á seu doce asylo d'onde passei minha
existencia; auxiliado por Anselmo e seguido
por alguns fieis criados, corri á procurar-vos.
Deus permittio que nos encontrassemos nes-